SOLIDÃO À MESA: VEGANISMO E AS FRONTEIRAS SIMBÓLICAS DA COMENSALIDADE

Rosa de Lima Medeiros Neta
Universidade Estadual de Alagoas, Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3592-4927
Endereço eletrônico: rosadelima@uneal.edu.br

Palavras-chave: veganismo; comensalidade; sociabilidade alimentar.

INTRODUÇÃO

Quando falamos em alimentação é comum pensarmos na dimensão biológica da nutrição dos corpos. No entanto, ela ultrapassa essa extensão e se constitui como uma prática social, cultural e simbólica através da qual indivíduos e grupos produzem pertencimentos, identidades e formas de reconhecimento mútuo. A comensalidade como o ato de comer junto é elemento central na organização das relações sociais, familiares e comunitárias. Assim, compreendemos que a mesa é, simbolicamente, o espaço privilegiado dessa sociabilidade, reciprocidade e partilha.

No contexto brasileiro, nos deparamos com um território cuja formação histórica foi marcada pela pecuária, principalmente o Nordeste, (Andrade, 2005) processo que contribuiu para consolidar a centralidade da carne nas práticas alimentares e de comensalidade (Cascudo, 1967). Nesse ambiente, o veganismo emerge como elemento de tensão, sobretudo quando entendido como um posicionamento ético e político contrariando à exploração animal e ultrapassando a condição de prática alimentar. Assim, ele se caracteriza como um estilo de vida que desafia hábitos alimentares naturalizados, produzindo barganhas, estranhamentos e conflitos nos espaços de comensalidade.

Rompendo as expectativas socialmente compartilhadas sobre aquilo que deve ser consumido coletivamente, sujeitos veganos frequentemente experimentam situações de

invisibilização à mesa com a ausência de opções alimentares acompanhada de questionamentos sobre suas escolhas. Isso faz com que os veganos presentes em momentos de comensalidades sejam excluídos das celebrações e partilhas ou da rotina alimentar diária na família ou entre amigos. Essa exclusão, contudo, não se manifesta pela impossibilidade física de ocupar a mesa, mas na ausência de alimentos que o contemple.

A partir desses apontamentos, este texto tem o objetivo de analisar como sujeitos veganos experienciam pertencimento, exclusão e resistência nas práticas de comensalidade, buscando compreender de que forma a mesa opera como uma fronteira simbólica capaz de delimitar inclusões, exclusões e negociações identitárias associadas aos gostos e estilos de vida. O texto articula revisão bibliográfica com a análise de três cartas escritas por veganos, identificados como C1, C2 e C3, nas quais relatam experiências de comensalidade, bem como estratégias mobilizadas para sustentarem suas escolhas éticas diante das tensões produzidas pelas diferentes preferências alimentares.

METODOLOGIA

Trata-se do resultado do pré-teste de um dos instrumentos de coleta para nossa tese de doutorado em andamento. A pesquisa está ancorada em revisão bibliográfica e análise de três cartas escritas por jovens veganos residentes em Arapiraca/AL. O participante (C1) foi convidado a escrever sobre suas experiências de exclusão vivenciadas em momentos de comensalidade e os elementos que sustentam sua persistência no veganismo. Posteriormente, C1 indicou C2 e C3 caracterizando a metodologia da bola de neve. O conteúdo das cartas foi analisado e interpretado à luz das referências consultadas e mobilizadas no texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assumir-se como como um sujeito vegano é colocar-se, socialmente como um corpo disruptivo numa sociedade onívora cuja alimentação está centrada no consumo de produtos de origem animal. Nesse sentido, compreendemos que esse corpo assentado à mesa para as comensalidades pode ser solitário ou até mesmo excluído quando a mesa simboliza um momento ritualístico de confraternização e hospitalidade no sentido mais clássico da

comensalidade. Na visão de Moreira (2010), o ato de comer a mesma comida cria um elo de igualdade e comunhão entre os presentes. A autora destaca que,

> [...] a partilha de alimentos, também denominada comensalidade, é prática característica do *Homo sapiens,* desde os tempos de caça e coleta. Há bem mais de 300 mil anos o domínio do fogo permitiu a cocção dos alimentos, modificando-os do cru ao cozido e dando origem à cozinha, o primeiro laboratório do homem. (Moreira, 2010, p.23).

Nesse sentido, se compartilhar a comida produz comunhão entre os presentes, a ausência dessa possibilidade pode acarretar exclusão simbólica de alguém presente. Essa percepção é evidenciada pelas cartas analisadas: C2 afirma que "compartilhar comida é compartilhar pertencimento", enquanto C1 define a comensalidade como o "ato de construir vínculos através da partilha alimentar" e C3 compreende que "mesa é o lugar onde emergem os conflitos éticos do veganismo". Nessa perspectiva, a hospitalidade pressupõe o reconhecimento de todos os participantes, mediante a oferta de alimentos que os contemplem. Para os veganos, a ausência dessas opções ultrapassa a dimensão nutricional e configura um mecanismo de exclusão simbólica capaz de transformar o convidado em estranho à mesa.

A exclusão relatada pelos participantes raramente assume a forma de agressões abertas ou proibições formais. Nos três casos, ela aparece sob a forma de piadas, questionamentos, ausência de opções alimentares aptas, necessidade de repetidas explicações sobre a decisão de aderir ao veganismo e a constante percepção de que poucos são os espaços onde a mesa pode ser partilhada de forma isonômica.

Nessa perspectiva C2 fala das "justificativas apressadas" das piadas e da insistência com frases como: "mas você não come nem um pedacinho?" C1 afirma que consegue sentar à mesa, mas não se sente pertencente ao lugar onde apenas ele é vegano e todas as opções alimentares são onívoras. No caso dele não há exclusão física, mas uma inclusão subordinada onde a presença do sujeito é aceita, mas suas escolhas alimentares permanecem à margem numa mesa onde ele é convidado e os alimentos só contemplas os outros. Nessa mesma direção C3 aponta que há interpelações constantes levando-o a justificar sua escolha pelo veganismo e a dificuldade de aceitação por parte de pessoas no mesmo ciclo de convívio diário.

Corroborando com Lopes e Minasse (2024) parafraseando Twine(2014), "para o onívoro dividir a mesa com um vegano significa romper com a normalidade do consumo animal, e a necessidade de ofertar comidas de origem exclusivamente vegetal coloca em xeque a "felicidade onívora" (Lopes e Minasse, 2024 p.3). Twine(2014), recorre a figura do *Killjoy* ou "estraga-prazeres" para falar do sujeito que rompe com a alegria, contesta a ordem e pode gerar ansiedade, desconforto e culpa correndo o risco de ser excluído por sua atitude. Numa sociedade em que sentar-se à mesa para comer um churrasco é sinônimo de felicidade, o sujeito vegano pode experienciar situações de exclusão simbólica nas práticas de comensalidade.

Nesse sentido compreendemos que o choque do *habitus* pode provocar tensões entre os grupos, ultrapassando a discussão do consumo de carne como norma social e alcançando os estilos de vida (Bourdieu, 2007). O gosto do vegano pode ser visto pelos onívoros como uma "aversão" ou mesmo uma pretensão que ameaça seu estilo de vida, conforme sugere o autor ao falar sobre gostos de classe e estilos de vida. Nesse ambiente de tensão simbólica, há ferramentas sociais de pressão ou chamadas à ordem utilizadas para punir o corpo desviante e elas são materializadas através das piadas, bullying e questionamentos como forma de restaurar a "ordem" da mesa através do constrangimento como apontam Lopes e Minasse (2024). As experiências narradas por C1, C2 e C3 evidenciam esses mecanismos de regulação social.

A carne representa para o onívoro um alimento, enquanto para o vegano simboliza violência e morte, criando um abismo comunicativo durante a comensalidade. Esse processo ocorre devido à invisibilidade da transformação dos animais em mercadoria. Para Adams (2018, p.25), "essa invisibilidade ocorre porque ela corresponde à visão da cultura dominante. O processo também é invisível para nós porque seu produto final – objeto de consumo – está disponível por toda parte."

Corroborando com a autora, o consumo de carne está vinculado a estruturas de dominação, o que intensifica a hostilidade contra quem recusa esse símbolo. Essa percepção se manifesta de forma evidente na carta de C3, ao afirmar: "olhando por uma perspectiva cultural, nossa identidade é plural, descentrada. Eu sou alagoano, tenho o Nordeste em mim,

mas entendi que posso pertencer a esse lugar sem precisar assinar embaixo de todos os seus pactos." (C3, 2026). Interpretamos esses "pactos" como referência ao processo histórico de territorialização da pecuária no interior nordestino, decisivo para a formação da região e para a constituição de relações de trabalho que ainda marcam sua organização social (Abreu, 2000; Andrade, 2005).

Outro elemento presente nas três cartas é a ideia de resistência. C1 fala sobre a necessidade de selecionar ambientes para frequentar, como restaurantes e a seletividade dos convites que aceita. C2 reage à solidão alimentar com a criação de suas próprias mesas e espaços de convivência como apontado por Twine (2014). C3 afirma que a fidelidade à consciência é mais importante do que o desconforto social causado pela exclusão nas comensalidades.

Os depoimentos também apresentam diferenças, C1 fala de um lugar analítico e sociológico quando apresenta a mesa como um território socialmente produzido. Em C2 predomina a dimensão afetiva e subjetiva da exclusão e do pertencimento. Por sua vez, a narrativa de C3 é permeada pela dimensão ética e política, referindo-se à ética animal, tradição e cultura, além de mencionar, explicitamente, o referente ausente de Adams (2018) como fundamento para sua argumentação.

C3 é o único que conecta veganismo, tradição alimentar e economia regional, chegando inclusive a referir-se às cosmologias regionais ao citar o trabalho dos marchantes[1] para sustentar a si e sua família e o processo de alienação do abate como processo de sofrimento e violência para os animais não humanos. Ao mencionar os marchantes, C3 evidencia que a carne não constitui apenas um alimento, mas o resultado de um conjunto de relações de trabalho historicamente constituídas em torno da pecuária, do abate e da comercialização. A recusa da carne, portanto, tensiona não apenas hábitos alimentares, mas um sistema produtivo que organiza formas de trabalho, memórias e identidades territoriais.

As três cartas articulam dimensões afetivas, espaciais e ético-políticas da comensalidade. A partir disso, compreendemos que a mesa não é somente um espaço de partilha, ela constitui fronteira simbólica capaz de definir quem pertence plenamente ao ritual alimentar e quem ocupa a posição de exceção. Nessa perspectiva, aproximamo-nos da

[1] Pequeno comerciante que abate animais para vender.

compreensão de território proposta por Haesbaert (2023), para quem os territórios são também construções simbólico-afetivas, produzidas pelas relações sociais, pelos mecanismos de identificação e pelos limites e fronteira que organizam as inclusões e exclusões.

CONCLUSÕES

O conteúdo das cartas analisadas sugere que na prática da comensalidade embora não haja, necessariamente, exclusão física dos corpos veganos pode haver ausência de pertencimento simbólico e experiências de acolhimento. Ao desafiar a centralidade cultural da carne o veganismo evidencia que as disputas em torno da comensalidade envolvem formas de pertencimento, memória e (re)existências construídas no território. Nesse contexto, a principal contribuição deste trabalho consiste em refletir sobre a mesa não apenas como espaço de partilha, mas como fronteira simbólica que organiza, pertencimentos, legitimidades e distinções alimentares.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História colonial:** 1500-1800. São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

ADAMS, Carol Jean**. A política sexual da carne:** a relação entre o carnivorismo e a dominância masculina. São Paulo: Alaúde, 2012.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção:** crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern de Guilherme João de Freitas Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil.** 2 v. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

HAESBAERT, Rogério. Território. **GEOgrafia.** Niterói, v25, n55, e61073, 2023. DOI:10.22409/GEOgraphia2023.v25i55.a61073. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/61073/35707. Acesso em 25 junho 2026.

LOPES, Mariana da Silva; MINASSE, Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes. Relações de hospitalidade e hostilidade entre veganos e onívoros em práticas de comensalidades: a perspectivas vegana. **Mediações: Revista de Ciências Sociais.** Londrina, v29, n.2 maio/ago. 2024 disponível em: https://www.scielo.br/j/mediacoes/a/byYZRyxM7tvDk7Xr5B8GgqM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 23 Junho 2026.

MOREIRA, Sueli Aparecida. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência e Cultura**. São Paulo, vol. 62, n. 4, pp. 23-26, 2010. Disponível em: ienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v62n4/a09v62n4.pdf ISSN 0009-6725. Acesso em 25 junho 2026.TWINE, Richard. Vegan killjoys at the table: contesting happiness and negotiation relationships with food practices. **Societies,** Basel, v.4, n.4, pp. 623-639, 2014. DOI: 10.3390/soc4040623. Disponível em: https://www.mdpi.com/2075-4698/4/4/623. Acesso em: 25 junho 2026.